



O CONSCRIPTO; QUADRO DE BELLANGÉ.

IVAN Marker regressa da igreja matriz do seu conselho, com o coração a pular-lhe dentro no peito, porque não saíra sorteado no recrutamento; e assim não terá, como muitos outros, de abalar-se para o exercite. Deus lembrou-se d'elle. Seu pae, velho antes de tempo, está quebrado de forças; seu irmão João ainda não tem tino para dirigir lavoura; e sua irmã Antonia essa é a encarregada de tratar da pequena Joanninha. Deus não quiz que a mãe ficasse com todo o peso da familia: ali estão dous braços robustos para a ajudar, e um bom coração para confortal-a. Deus amerceou-se da pobre gente.

Eram estes os pensamentos que agitavam o animo do moço camponez ao seguir a vereda que torneava as terras cultivadas. Mas a alegria de hoje não bastava para o fazer esquecer os cuidados de hontem e os receios do futuro.

Passando cêrca das searas de seu pae, Ivan parou insensivelmente, e poz-se a olhar para o chão coalhado de hervas parasitas, de entre as quaes surdiam raras espigas, accusando assim um terreno mal adubado e sem amanho. Um pouco mais longe viu o pequeno prado onde se colhiam plantas forrajosas para o gado todo cheio de canico; e logo depois deu com os olhos no pomar, - cujas arvores, algumas enfzadi-

nhas, outras carregadas de troncos velhos e seccoos, estavam todas cobertas de ferrugem.

O aspecto da fazenda indicava falta de cultivo proveniente da pobreza das proprietarios.

Agitado por encontrados pensamentos seguia Ivan seu caminho, quando encontrou um outro camponez; mas esse vinha desesperado despedir-se ao seu casal porque ficára apurado no sorteamento.

Visinhos e amigos os dous camponezes travaram-se de conversação, e mui naturalmente Ivan communicou ao companheiro, que se chamava José, as suas apprehensões pelo triste estado em que via o campo de seu pae, e a falta de meios para o amanho.

— «Mas ao menos,» retruquiou-lhe José, «não vae dar ao rei os melhores sete annos da tua vida, e ficarás no teu casal, ao alcance dos sinos da freguezia; e poderás pela tua diligencia grangear com que melhorar a tua situação e a da tua familia.»

— «Tens razão, amigo,» replicou o maneco, «minha sorte é preferivel á tua, não ha duvida, mas n'esse ponto somente: que em quanto ao mais, — em fim, tu vae para o regimento, mas não ficas com cuidados na familia que tem com que passar totalmente: em quanto, por mais que faça, sei que não posso remediar a miseria da minha.»

— « Pois olha, queres tu trocar comigo? » acudiu o José.

— « Talvez isso se pudesse arranjar a gosto e com vantagem de ambos, » atalhou o tio de José, que os acompanhava, e se conservára até então calado.

Os dous mancebos fitaram-no ambos.

— « Supponhâmos que a sorte lhes trocou os numeros, » continuou o velho; « José agora estava no logar de Ivan: porque não hão de vocês fazer amigavelmente o que a sorte não quiz? »

— « Quer dizer que Ivan ía ser soldado em meu logar? » disse José.

— « E quem ha de ajudar meus paes a ganhar o pão? » perguntou Ivan.

— « Lá isso agora é que se ha de ajustar como deve ser, se quizeres, » tornou o camponez; « não se te ha de pedir um obsequio com prejuizo teu. »

— « Visto isso querem comprar-me? » disse Ivan, offendido.

— « Quando se quer comprar alguma cousa offerece-se o preço, e eu ainda não offereci nada, me parece: mas tu és um bom filho, e como tal podias fazer, por teu excellente coração, o que outros fazem com tão má consciencia; e demais, o soldado não é nenhum excommungado. »

— « Lá isso é verdade, tio Francisco, » respondeu Ivan, pensativo, « lembrastes-me uma idéa, que me não tinha occorrido: com effeito, se a minha ausencia pode trazer o socego e a abundancia aos meus pobres paes, paciencia; farei o sacrificio de os deixar por alguns annos; não me nego, por fraqueza ou por viciosa vergonha, a esse serviço que de mim se exige. »

— « N'esse caso nós conversaremos, » disse o velho camponio.

Em tal accôrdo seguiram os tres caminho da herdade.

O astuto ancião tratou em primeiro logar de fazer ver ao Ivan que seus paes não podiam de modo algum evitar a miseria que estava a bater-lhes á porta. As reflexões do mancebo tinham-no conduzido ao mesmo resultado, e por isso não foi difficil convencê-lo neste ponto.

Como todos os corações generosos, Ivan sujeitava-se a fazer o sacrificio sem mesmo calcular quanto lhe elle custaria.

— « Vamos a decidir isto, tio Francisco; ou se quer ou não fazer a substituição lembrada. É inutil estar com essas demonstrações da nossa pobreza, que bem a conheço eu; e por consequencia pergunto, quanto se me dá por sete annos da minha vida? »

— « Rapazes são sempre rapazes! » exclamou o camponez, um pouco perturbado d'aquelle ataque directo; « com elles hão de fazer-se os negócios como quem bebe um copo de vinho! De resto, eu não disse que o José precisava de quem o substituísse. »

— « Ah! não quer? melhor! » disse Ivan, indo para retirar-se.

— « Não se diz isso tambem! » redarguiu o tio Francisco, segurando-o: « mas antes de se te fizerem quaesquer propostas é necessario que digas o que queres para teus paes. »

— « Em primeiro logar, quero uma junta de bois. »

— « Uma junta de bois! » repetiu o camponez; « isso vale muito dinheiro! »

— « Quero tambem uma vacca de tres annos. »

— « Mais essa. »

— « E além d'isto o dinheiro sufficiente para pagar a um homem, que me ha de substituir nos trabalhos do campo. »

O tio Francisco e José procuraram demonstrar-

lhe a exorbitancia da compensação pedida; mas Ivan não cedeu, e os outros, que tinham empenho no negocio, e a quem sobravam meios, acceitaram.

Tudo foi depois convenientemente ajustado; os interessados prometteram guardar inviolavel segredo, e o tabellião que lavrou a escriptura encarregou-se de entregar o dinheiro á familia de Ivan, de maneira que esta ficasse igualmente ignorando a transacção que se fizera.

Em casa de Marker foi um valle de lagrimas quando se soube que Ivan ía para o exercito; e o pobre mancebo, se não pensasse no bem que assim promovia á sua familia, não saberia resistir-lhe aos prantos.

O dia da separação foi um dia cruelissimo; seu pae com a mão d'elle travada, pallido como um defunto, não dava uma palavra; sua mãe, coitada, com a cabeça pendida para o peito do filho, soluçava a bom soluçar; sua irmã e o pequenito choravam tambem; e até um cãosinho que tinham parecia contemplal-o gemendo. Mas o rufar do tambor na aldêa o adverte; Ivan dá um ultimo abraço em seus paes, e vae reunir-se, afflicto e quasi arrependido, aos seus companheiros.

(Continúa.)

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XII.

Amor e traição.

A PROVIDENCIA não quiz exaltar a oração do monge; á mesma hora, em que elle deprecava ao céu, vinha entrando Gomes Lourenço pelas portas do castello.

Ao atravessar o fosso notou muitos homens d'armas, com saios matizados das côres de Lima e Cima-Cávado; nenhum porém fez caso dos hospedes, que chegavam. Apenas passou a ponte viu suspender a levadiça; e assim que deixou a volta-baixa do portal, ouviu gemer as trancas de ferro entalando-se nos ferrolhos. O moço alferes não disse nada; mas desde logo suspeitou que estava atraído.

No pateo interior apeou-se e D. Maria Paes. O alcaçar novo erguia-se á direita; a torre de Caim, do outro lado, cingia de altas ameias o vulto negro da ermida. Pelas janellas da sala d'armas transpiravam as vozes, e entre ellas figurou-se-lhe distinguir a de Martim Paes.

Dous cavalleirigos com archotes iam adiante mostrando o caminho. As frestas d'arco-agudo da capella, rasgadas sobre o terreiro, transverberavam o clarão bago do lampadario, suspenso todas as noutes, sobre a lousa dos guerreiros. Gomes Lourenço sabia que n'uma d'aquellas sepulturas repousava o corpo de seu pae; se pôde ter descânço o cadaver que a terra inimiga cobre.

— « Oh! meu pae! » soluçou o cavalleiro de Salzedas, correndo os dedos pela fronte. E virando-se para D. Maria acrescentou:

— « Se aquelle que além dorme pudesse acordar?! »

— « Duvido que desejasse adormecer! » respondeu ella sorrindo.

Gomes Lourenço emmudeceu. Em vez de o consolar do sacrificio, a dama de Lanhoso pagava-lh'o

com escarneo. O sorriso e o tom em que proferiu estas palavras, as unicas que lhe dava desde a entrada no castello, desenganavam-no cruelmente das illusões, que o tinham trahido. Não as poudes conter, duas lagrimas de dor saltaram pelos olhos; porém a cholera ou o desprezo enxugaram-nas depressa.

Foi a ultima fraqueza!

Silencioso offereceu-lhe a mão no primeiro degrau. Ella recusou. Calados, e um ao pé do outro, subiam devagar.

Na sala d'armas aonde se encaminhavam, crescia o estrondo da altercação, e cada vez soavam mais altas as fallas tremulas de raiva. De uma parte contendiam D. Froylas e Tructezindo Ramires; da outra pelejavam para os convencer D. Nuno e Martim Paes.

— «Por Santiago! é um feito vil!» gritava o idoso cavalleiro de Cima-Cávado.

— «É traição!» repetia o cavalleiro moço de Lindoso, olhando para D. Nuno em ar provocador.

— «Traição porque?» replicava D. Nuno.

— «Sempre me disseram,» atalhou D. Martim, «que inimigo vivo é como punhalada certa.»

— «Sentencial-o pelo fôro velho de Castella é fazer justiça pelo costume dos ricos-homens. Onde está aqui a vileza?»

— «Em trazer um cavalleiro enganado, para o matar pelas costas como um traidor!» retrucou com aspereza o velho Froylas. «D. Nuno, Martim Paes, como vos atrevestes a contar comigo? Em setenta annos de idade o que fiz para merecer isto?»

— «Elles que o matem!» bradava Tructezindo Ramires.

— «Parentes do solar de Lanhoso negam-lhe a vingança de uma affronta?!» acudiu D. Nuno.

— «Não se nega. Por Christo e Santiago! lança em punho sustentarei o direito de cavalleiro...»

— «Mas não pela justiça do seu fôro?» acudiu D. Martim.

— «Adivinhaste! Não á lei de algóz!» atalhou com ar de motejo Tructezindo Ramires.

— «Obrigado, cavalleiro de Lanhoso! Para se desaggravar, Martim Paes sempre havia de achar um *Ribeira* contra um *Viegas*. Não chegou a estado, louvado Deus, de carecer que lhe emprestes a espada para castigar a sua injuria.»

— «Mofas, cavalleiro?»

— «Pago o que devo!»

— «Oh!» retrucou o mancebo acceso em ira, «vae aprender a honra e a lealdade, e volta depois de ensinado. Quando o carrasco graceja, faz-se-lhe o mesmo do que aos bobos: *agouta-se na cara!*»

D. Martim arrancou do punhal e deu dous passos para elle, bramindo como um tigre. Tructezindo cruzou os braços, e poz-se a rir.

— «Não te chegues, ou por alma de meu pae, esmago-te, vespa venenosa!» gritou cerrando o punho.

D. Nuno, D. Froylas, e alguns mais interpozeram-se para os aquietar.

— «O seu coração está com o inimigo da minha casa!» exclamava amargamente Martim Paes.

— «Cem annos, que vivas,» replicava Tructezindo, «não valem uma hora de Gomes Lourenço.»

— «Mentes!»

— «Eu vou dizer-te se mintos. Espera!»

— «Aquietae-vos, mancebos!» gritou D. Froylas com auctoridade. D'ahi, olhando fito para Martim Paes, perguntou-lhe:

— «Gomes Lourenço roubou tua irmã?»

— «Em Avellans.»

— «Defendeste-a?»

— «Em quanto pude.»

— «Foste vencido?»

— «O pé faltou-me, e a espada partiu-se.»

— «E que pedes tu de nós?»

— «Justiça contra Gomes Lourenço, por fôro dos ricos-homens de Castella.»

— «E se tua irmã o amar?»

— «Está quite.»

— «E se elle a pedir para mulher?»

— «Recuso.»

— «Se te propozer um repto?»

— «Não aceito.»

— «Pois eu, pelo sangue das veias, se houver covarde que a deixe no chão, levantarei a luva!... Chamaste-me para juiz; não te lembres de me fazer carrasco. Aconselho-t'o!»

E o cavalleiro velho sentou-se á cabeceira da meza. D. Martim, sem redarguir, voltou-lhe as espaldas, e saiu da sala. Quando chegava ao cimo da escada, Gomes Lourenço e sua irmã estavam nos ultimos degraus. O cavalleiro de Salzedas não trazia mais do que uma espada, preza ao cinto de anta lavrada. Os tres mediram-se em silencio um minuto, e talvez menos. Os beijos não buliram, mas os olhos... disseram tudo!

Nem entravam, nem fallavam. Alguns momentos gastaram assim a olhar uns para os outros; e de cada vez que o moço alferes encarava D. Martim, ou sua irmã, a sua vista, como um punhal, entrava-lhes pelo coração.

— «Senhora D. Maria,» disse por fim o cavalleiro de Salzedas, «não entramos?»

— «Entremos!» respondeu a dama de Lanhoso constrangida.

— «A fada de Avellans,» continuou o mancebo ironicamente, «que vara de condão teve! Nada lhe esqueceu. Vêde a boa escolha de mordomo!»

E com um sorriso apontava para Martim Paes, que virou a cabeça para encobrir o pejo, que subia ás faces.

— «Então?» proseguiu o mancebo. «Sei os hospedes, que nos esperam. Vi as côres de Lima e Cima-Cávado. Como os nossos esponsaes serão festejados pelos ricos-homens do Minho, parentes de Lanhoso! oh! se eu soubesse?!... alguns de Ribadouro não faltariam tambem aqui. Talvez que ainda venham!»

D. Martim e sua irmã trocaram um volver de olhos. Se o neto do espadeiro tivesse effectivamente convidado os cavalleiros, alliados com o solar de Salzedas, ambos estavam irremissivelmente perdidos.

Acabando de dizer estas palavras Gomes Lourenço foi a pegar na mão de D. Maria, e largou-a. Estava fria de neve. Vergando diante do desprezo do mancebo, e branca como as figuras enlaçadas pelos capiteis dos columnelos, a irmã de D. Martim, ora dava um passo, ora o retirava, como se a soleira da porta queimasse ardendo em braza. Já sem remedio arrependia-se do que fizera, e tinha vergonha de si e do homem, cuja vingança adoptára, trahindo um amor sincero e ardente. Era tarde!

— «Em fim um de nós ha de ser o primeiro!» exclamou o collaço de Affonso II, empurrando a porta.

Poucos actos na vida ha mais solennes, do que a scena que se lhe apresentou. Dentro da sala ardiam grossas tochas em anneis de ferro, chumbados na parede. No meio, e á roda da larga meza, que arrastava pelo chão a coberta de panno azul, viu assentados os parentes de Lanhoso. Conhecia a poucos da corte, e a bastantes do arraial. Todos tinham defronte de si o capello d'ago, a monopla e a espada em-

laminhada. Na cabeceira desenhava-se a estatura gigante de D. Froylas, veneravel pelas compridas barbas brancas. O mais moço, Tructezindo Ramires, inquieto e com mostras de impaciencia, não tirava os olhos da porta.

Depois de entrar, o cavalleiro de Salzedas correu a vista por todos, e foi-a depois cravando lenta e tranquillamente em cada um. Ninguem podia soffrer aquelle olhar recto e ironico; e só se respirava desaffogado, quando o silencioso exame passava a outro. Chegando a D. Nuno, um ar de riso fugiu pelos cantos da boca do moço alferes; em Tructezindo Ramires uma nuvem escurceu-lhe o rosto. D. Nuno córou e desviou-se; era o unico que viera armado de todas as peças. Tructezindo inclinou a cabeça, e sentiu nos olhos duas lagrimas.

Ambos tinham razão.

Seguiu-se larga pausa. D. Maria, com a mão direita no espaldar da cadeira de D. Froylas, nem pestanejava. Martim Paes, entre o odio e a vergonha, e tremendo das palavras do seu inimigo, não ousava provocá-lo, rompendo a fallar primeiro.

Se ali dentro havia faces pallidas e coração tremulo, de certo não era o de Gomes Lourenço. Não perdeu um momento a serenidade do animo. Quebrando o profundo silencio que o acolhia, voltou-se para D. Maria Paes com o mesmo tom, em que se lhe dirigia desde a chegada ao castello, e disse, fingindo-se admirado:

— «É um noivado, ou um enterro? Temos estes cavalleiros moços, e vejo-os tristes como ermitães?!... D. Maria Paes não lhes dirá que duas almas, que não podem viver separadas, vão unir-se perante Deus? — E sorrindo com desdem, accrescentou, voltando-se para D. Froylas e os parentes de Lanhoso:

— «Que thesouro de amor me deu o céu n'este coração!»

A dama de Lanhoso, entre oppostas paixões, tremia de pejo e de remorsos, não ousando responder, nem levantar a cabeça.

— «Morreu aqui alguém?» perguntou Gomes Lourenço com simulado espanto.

— «Morreu ás tuas mãos a honra do solar de Lanhoso,» replicou D. Nuno, erguendo-se com ira: «e viemos ás exequias.»

— «Ah!» foi a resposta do mancebo.

— «É exequias assim,» proseguiu o cavalleiro, «ainda Portugal as não viu, nem tornará talvez a vêr!»

— «Sim!?» redarguiu o moço alferes com uma risada: «É D. Nuno o coveiro? Dá-se melhor com a enxada? Nem todos nascemos para tudo.»

Os cavalleiros fitaram-se com admiração. D. Nuno mordida os nós dos dedos, verde de raiva.

— «Estou pasmado,» continuou o neto do espaldar. «No tempo em que me criaram, fallava de frios quem os tinha provado na peleja; agora o villão ensina o lidador, e o soldado fugidigo préga valentias, atrás das paredes, aos que o viram agoutar como covarde!»

— «Que vergonha para nós!» gritou Tructezindo Ramires; e encarando D. Nuno bradou cholerico, cerrando-lhe o punho sobre os olhos:

— «Este homem está decepado, ou cortaram-lhe a lingua, como aos excommungados hereges?»

— «Deixae o valente cavalleiro, Tructezindo!» exclamou Gomes Lourenço com escarneo protector. «Olhae para elle, com misericordia. Não está féro na sua armadura?... Não ameaça para não tremer quando a sua voz.»

Uma rizada estalou na vasta quindra, e foi encrespada por um sorriso a boca austera de D. Froylas.

D. Nuno erguia-se e assentava-se machinalmente, ora rôxo, ora pallido de cêra.

— «Martim Paes,» disse o moço alferes, «o esforçado lidador de Avellans não nos dirá, ao menos, o que fez da sua valente espada?»

— «Fiz um punhal, Gomes Lourenço!» retrucou o senhor de Lanhoso, em voz tão baixa, que parecia o echo dos proprios pensamentos.

— «E com razão. Espada trazem os leaes; o punhal fez-se para os traidores... Quem ajoelha aos pés do inimigo em duello de morte, e acceita mercê... póde ser assassino, mas cavalleiro não!»

— «Morte de Christo!» balbuciou Tructezindo, atando-se-lhe a falla de indignação. «Quem é o vil, capaz de tal?»

— «Que responde áquillo o sr. Martim Paes da Ribeira?» atalhou Gomes Lourenço, abrazando-o com o flammejar da vista, em quanto a voz conservava a traçoieira doçura do escarneo.

D. Martim, espumando pelos cantos da boca, poz-se em pé de um impeto, e estendeu os braços; queria bradar «mentes!» mas a verdade poz-lhe um nó na garganta; e obrigou-o a cair, livido e mudo, no seu escanho.

— «No tempo em que meu pae, com o cabo da lança, obrigava D. Nuno a metter-se aos mouros,» proseguiu o mancebo de Salzedas, «os cavalleiros matavam, ou morriam, sem pedir mercê. Ainda não tinham crescido os traidores, que vestem hoje armas, e cingem espada, para ajoelharem no perigo e apunhalarem em seguro. D. Froylas deve lembrar-se. Era do seu tempo.»

— «Que homem!» murmurou suffocada Maria Paes.

Seguiu-se outra pausa, durante a qual se ouviu só o moço Ramires, batendo com o punho, exclamar:

— «Por Santiago! O céu não cobre outro ninho de covardes como este!»

D. Froylas estava rôxo de vergonha. Tinha pressa de escápar ao martyrio das reprehensões merecidas, com que o cavalleiro de Riba-Douro feria sem piedade os que eram sangue seu, e trajavam as mesmas côres.

— «Gomes Lourenço,» disse, interpondo-se, «estamos aqui os parentes de Lanhoso...»

— «Entrou o rei de Leão em Portugal?» acudiu, sorrindo, o moço alferes. «Como não gostaes de lançadas fóra da justa cortez...»

— «Essa affronta a mim, D. Gomes?» bradou Tructezindo Ramires.

— «A ti não, meu amigo, ia quasi dizer meu irmão d'alma, a ti não; porque mentia; mas a elles, aos fracos, que me ouvem calados, sem responder; que não mostram no peito as cicatrizes das batalhas... Nem a ti, nem ao mais velho da raça de Cima-Cávado.»

— «Obrigado, Gomes Lourenço!» exclamou D. Froylas; «outro tanto digo; Deus sahe, se me peza vêr-te n'este lance.»

— «Mais vos pezará quando fallar o meu accusador. A nodoa elle é que vol-a poz.»

— «Falla, D. Martim. Diante de Deus e de nós aqui juntos, dize-nos quem te faltou com justiça para t'a fazermos, e te desaffrontarmos, se affronta houve. Declara a razão, porque nos chamaste em socorro?»

D. Martim daria tudo por se achar muito longe. Entretanto tinham-se virado para elle: era forçoso fallar.

— «Este homem,» disse, depois de hesitar, «saiu-me ao caminho, e tomou minha irmã; tendo-a tres dias com tres noutes sua captiva no castello de Avellans.»

lans. O solar de Lanhoso ficou deshonrado. Como cavalleiros, peço-vos justiça; como filhos do mesmo sangue, requeiro ajuda."

— "Esse villão mente!" atalhou severamente Gomes Lourenço.

— "A' espada, Gomes Lourenço, ou enterro-te as palavras com a adaga no coração!"

— "É um duello, que propõe o cavalleiro de Lanhoso?" perguntou o mancebo com socego.

— "A todo o transe!"

Gomes Lourenço tirou a espada da bainha, e dobrando-a no joelho para a partir, o ferro vergou como junco, e não estalou.

— "Tructezindo Ramires," exclamou a não pôde quebral-a! Esta folha, leal como a nossa amizade em melhores dias, queres ficar com ella?"

— "É dadiwa de amigo?"

— "É deposito de cavalleiro. Peço a met' d'uma d'armas que a guarde para seu filho."

— "Acceito!"

— "Agora ouve, Martin Paes!" disse o mancebo com desprezo: "Procura nos villões do teu solar algum que te faça a honra de cruzar a cutella com a tua espada. Os netos do espadeiro morrem, mas não se aviltam ao carrasco!"

(Continua.)



VICTORIA.

VICTORIA, cidade capital da provincia de Alava, uma das vascongadas, consta de duas partes, a antiga e a moderna; esta é a todos os respeito magnifica, pois além de conter a praça, o theatro, os passeios, os cafés, e muitos palacios e casas de optima construcção, é cortada em ruas espaçosas e direitas, guardadas de passeios lateraes, e bem illuminadas de noute. Aquella, pelo contrario, com quanto comprehenda alguns bons edificios, é apenas um labyrintho de ruas estreitas e irregulares.

A chamada praça, a que acima nos referimos, é um edificio construido sobre elegantes arcadas, que servem tambem de commodo passeio aos habitantes. N'este edificio está estabelecida a municipalidade (*ayuntamiento*) e outras estações publicas. Foi levantado no espaço de dez annos; começando-se no de 1781, sob a direcção e risco de D. Justo Antonio de Olaquível.

Não mui longe encontra-se o theatro, formosa fabrica devida ao engenho de D. Antonio Perez: ultimamente tem recebido consideraveis melhoramentos na sua disposição interior.

Foram sempre os victorienses mui fervorosos catholicos, e por isso não é para admirar que se encontrem em Victoria tantos e tão ricos templos.

A igreja de Santa Maria é, sem contestação, o principal; tem o titulo de collegiada, por haver sido para ella trasladada a de Armentia no anno de 1496,

em cumprimento da bulia expedida por Alexandre VI.

Dá ingresso a este antigo templo um grandioso portico, no estylo gothico. A igreja, que é de architectura igual, compõe-se de tres solidas naves com proporcionadas dimensões. O retabulo da capella mór é obra de muito trabalho e primor.

Cêrca da igreja deparam-se os vestigios de um castello construido por D. Sancho, o sabio, de Navarra.

A parochial de S. Pedro é, menos sumptuosa, mas igualmente digna da attenção do viajante curioso e entendido; o excellento critico D. Antonio Ponz dá até a preferencia ao retabulo da capella mór de S. Pedro sobre o de Santa Maria, assim no desenho, como na execução e trabalho artistico.

Seguem-se as igrejas parochiaes de S. Miguel, de S. Vicente e de S. Ildefonso, menos notaveis que aquell'outras, mas todas de antiga construcção, tendo sido a ultima fundada por D. Alfonso, o sabio.

Um dos monumentos mais apreciaveis de Victoria, pela sua magnificencia, e caridoso destino a que foi applicado, é o hospicio, cuja fachada a nossa gravura representa. É ornado de um bello portico, composto de dous corpos, com quatro columnas em cada um; o portal da igreja é em tudo semelhante aquelle. Esta custosa fabrica foi erigida no seculo 17.

a expensas de D. Martinho de Sandoval, que lhe deu o titulo de S. Prudencio, determinando queahi fossem mantidos dous cathedricos e quatro collegiaes, disposição que não chegou a verificar-se, sendo posteriormente concluida e destinada para hospicio.

Tem Victoria dous bellos passeios; o da Florida e o do Prado, ambos bem povoados de arvoredo, aprasiveis e apropriados para recreio e desafogo dos habitantes.

A origem da cidade de Victoria perde-se na noite dos tempos. Despresando pois quantas fabulas phantasiaram chronistas credulos ou ignorantes, diremos que na povoação de Gazteiz, situada n'uma eminencia, foi onde teve começo a cidade de Victoria, que recebeu este nome, bem como os fóros de villa, de D. Sancho o sabio de Navarra.

D. João II a elevou á cathegoria de cidade, e D. Fernando o catholico lhe accrescentou o titulo de mui nobre. O nome de Victoria encontra-se muitas vezes na historia altamente dramatica da Hespanha associado sempre a algum honroso feito. Durante a guerra civil, que alagou de sangue aquella importantissima parte da Peninsula, Victoria não desempenhou menos notavel papel, sendo logo ao principiar de tão sanguinosa lucta occupada pelas tropas constitucionaes.

Não deve esquecer que foi nas cercanias d'esta cidade que se deu, em 21 de junho de 1813, a famosa batalha em que o exercito francez, composto de 70:000 homens, foi completamente derrotado pelas forças alliadas, ficando em poder dos vencedores, além de um immenso despojo, 5:000 prisioneiros, e 151 peças de artilheria. Ao valente exercito portuguez coube uma boa parte na gloria d'esse dia.

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre fegros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

II.

No MEIO do motim poetico dos versificadores apenas despontava algum engenho, verdadeiramente digno de continuar a empreza da Arcadia do Garção, extincta de inercia e desamparo com a morte d'elle, e pela falta de Diniz e Quita. O Parnaso estava em ferias, e o Ménalo deserto, quando Manoel Maria de Barbosa du Bocage nasceu em Setubal (aos 15 de setembro de 1765, segundo o sr. Castilho (José) ou a 17 de setembro de 1766, como affirmam todos os seus biographos), de paes a quem as musas foram familiares, e não poucas vezes propicias.

José Luiz Soares de Barbosa, tambem natural da villa de Setubal, tinha concluido os estudos juridicos da Universidade de Coimbra, e tomado o grau de bacharel em Canones. Nascido em 1728 (29 de setembro) pertencia pela educação e pelas tendencias a essa pleiada jovial de legistas metrificadoras, de que foram typos, no longo reinado de D. João V, Caetano da Silva Souto-Maior, denominado o Camões do Rocio, e o satyrico padre Braz, de mordacissima memoria.

Fr. Lucas de Santa Catharina, vate parodista, e Thomás Pinto Brandão, ou o Pinto Renascido, como elle mesmo se appellidava, completavam a phy-

sionomia critica, desenvolta e risonha desses espirituosos guerrilheiros das musas, que alegraram o reinado do Salomão portuguez, antes das apprehensões asceticas o carregarem de luto, pelo beaterio.

Servindo os logares de letras, segundo o estylo, José Luiz Soares de Barbosa foi juiz de fóra na Castanheira, e em Povos, e depois ouvidor na cidade de Beja; lembrando a tradição mais de um rasgo de estro poetico da parte d'elle, quando a occasião se lhe offerecia, para fustigar os vicios, e expôr ao ridiculo as vaidades e desconcertos do seculo.

Desgostoso da vida publica, pouco adequada á liberdade do seu espirito, retirou-se do serviço da magistratura, e recolhendo-se á patria Setubal, abriu banca de letrado, entretendo os momentos vagos com o estudo das letras, e ás vezes tambem com a composição de poesias fugitivas, em que os curiosos do tempo asseguram haver já o sal picante, e o traço critico, com que depois realçaram os sonetos epigrammaticos de seu filho.

Governava, ou reinava o marquez de Pombal havia annos, quando em 6 de junho de 1758, José Luiz Soares captivou o coração de D. Marianna Joaquina Lestof du Bocage, (1) senhora dotada das prendas litterarias, quasi hereditarias nas damas da familia, de que descendia; e conseguiu merecer-lhe a preferencia e a mão de esposa. Deste enlace vieram ao mundo Gil Francisco Barbosa du Bocage, nascido em 1762, agradável poeta e distincto juriconsulto; Manoel Maria de Barbosa du Bocage, conhecido entre os vates pelo nome pastoril de Elmano Sadino; e mais quatro filhas, umas das quaes, D. Maria Francisca de Barbosa du Bocage (tambem poetisa) foi a irmã predilecta do cantor de Leandro e Hero, a companheira por longos annos da estreitesa e das attribuições da sua vida, e, de todos os parentes, a unica que até ao ultimo suspiro se conservou junto do leito da dôr para lhe cerrar piedosamente os olhos.

O dom da harmonia, e a facilidade do verso, que parecia em toda a familia a lingua natural, vinha pois de herança; e dessa coube a Manoel Maria o

(1) O tronco dos Bocages em Portugal é oriundo de um proprietario abastado de Cherburgo, em Normandia, que viveu nos fins do seculo 17.^o, chamado Antonio Le Doux, ou (como escrevem alguns) l'Hédois du Bocage, marido da dama Catharina Cosma Gil Le Doux du Bocage; seguindo a vida maritima, entrou na marinha portugueza em 1704 no posto de capitão de mar e guerra. Em 1717 foi promovido ao de coronel de mar e guerra (vice almirante) em virtude do seu merito e serviço nos combates do mediterraneo contra os barberescos, e do Brazil contra os francezes.

A celebre poetisa Marianna Lepage, mulher de Fiquet du Bocage, que falleceu tres annos só antes de Elmano, era por afinidade segunda tia materna de Manoel Maria. Esta senhora, que alcançou a propecta idade de 92 annos, mereceu de Voltaire a corôa de louros, que lhe offereceu em Ferney, depois do seu poema «A Columbiada» (cujo primeiro canto Elmano verteu em verso.) Foi auctora de outro poema laureado «As sciencias e as letras»; e traductora da «Morte de Abel» de Gessner. Imitou o «Paraiso Perdido» de Milton; e pelas graças da figura, assim como pelos dotes do espirito justificou o epitetto de franceza Sapho, que nella caíu melhor do que em Mademoiselle de Scudéry. *Forma Venus, arte Minerva* foi a divisa escripta sob o seu retracto pelos admiradores.

maior quinhão. Vate desde a infancia, como Ovidio, ainda balbuciava, e já as palavras acertavam com a melodia poetica. No tracto domestico, nos serões familiares, achava continuo alimento para o fogo da phantasia, e um estímulo para os ensaios pueris da vocação precoce. Memoria prodigiosa, imaginação, cujo ardor e impeto a morte mesmo proxima não pôde esfriar de todo, eram as faculdades predominantes de Elmano desde a idade tenra. Aos oito annos, vindo ver a Lisboa a procissão da cinza, volvia a casa, repetindo a sua mãe uma quadra, aonde já se encontra harmonia e graça.

Fui vêr a procissão a S. Francisco,
Que o vulgo chama da cidade;
E supposto o apertão, foi raridade
Que indo eu em carne, não viesse em cisco!

É por isso, que em varios logares das suas composições, ou a saudade o leve aos primeiros tempos, ou a satyra dos emulos o excite a exaltar-se não se esquece de afirmar que:

Das faixas infantís despido apenas
Sentia o sacro fogo arder na mente:

Nem de exclamar com orgulho, como no prologo das Plantas:

Versos balbuciei co'a voz da infancia;
Vate nasci, fui vate ainda na quadra
Em que o rosto viril, macio e tenro
Semelha o mimo de virginea face!

Se ha occasião, em que seja licito ao poeta e ao homem nobre de sentimentos fallar de si, é de certo quando os vituperios da inveja e as injustiças do mundo se atrevem a castigar sobre elle os dons do engenho, exacerbando a adversidade! É o que de algum modo justifica o estylo vehemente e o elogio em bôca propria, em que ás vezes se excedeu Bocage.

Sua mãe consagrava á cultura de tão esperançoso espirito os instantes de que podia dispôr, supprindo pelo extremo, pelos cuidados e pelo gosto delicado, tão natural no seu sexo, a falta de subsidios, que Setubal offerecia a uma instrucção mais esmerada. O latim foi-lhe ensinado por um ecclesiastico hespanhol, D. João de Medina, ao qual deveu o conhecimento profundo da lingua, e a rapidez da interpretação. Comparando as versões de Ovidio e do Canto de Tripoli, feitas por Elmano, vê-se a rara familiaridade com que elle conversava os poetas romanos, introduzindo-se nos segredos mais intimos das suas bellezas.

Na lingua franceza iniciou-o seu pae; e o modo porque o discipulo a possuiu collige-se das admiraveis paginas fructo das suas luctas como os auctores didacticos. O italiano parece não o haver estudado senão mais tarde, e sabel-o menos. Entretanto as traducções do Tasso e de Metastasio, que deixou, diriam o contrario, se não fosse conhecida nellas a lima do morgado de Assentis, Francisco de Paula Cardoso de Almeida, um dos homens mais versados no tracto dos excellentes modêlos d'aquella copiosa litteratura.

Em 1780 tinha Bocage concluido os estudos, que hoje se chamam secundarios e classicos, contando quatorze annos completos. Em parte do tempo, que se applicou, sua mãe incansavel no disvelo animava-lhe a vontade, e estimulava-lhe a vocação; consolando-o dos enfados dos rudimentos com a certeza do renome; promettido no futuro aos trabalhos da

intelligencia e aos primores do engenho. Com o genio inquieto e voluvel do poeta, se esta voz de esperança não estivesse a todos os momentos nos seus ouvidos, é de crêr que o aproveitamento fosse menor, ou talvez nullo; e muitos dos seus padrões de gloria nunca teriam existido.

Depois de a perder ainda sendo creança (dez annos) Bocage, gravou na memoria a ternura ineffavel que lhe affagou amorosamente os timidos ensaios, e derramando lagrimas de saudade e gratidão, até á ultima hora, guardou ardente e pura no peito a religião do materno affecto!

Seu pae acreditava menos nos dons das musas como meio de crear uma carreira. É a rasão, porque, longe de alentar, tentou sopear as tendencias irresistiveis de uma alma feita para se exaltar com a harmonia e o entusiasmo poetico. Experiente e desenganado sabia os dissabores, que a elevação do talento grangeia, e os infortunios que de ordinario a acompanham. Queria e applaudia o estro como distracção, mas não ignorava que Lisboa não era París, nem o governo fradesco e devoto de D. Maria I o reinado opulento e extremoso com as artes de Luiz XIV.

Em 1780, por eleição propria, ou para acceder á vontade da sua familia, assentou Bocage praça de cadete no regimento de Setubal, que foi depois o regimento n.º 7; e passados dous annos, naturalmente em memoria do avô, e da distincção com que servira, mudou de arma, entrando para a armada real, na qualidade de guarda-marinha, e transferindo a residencia para Lisboa, talvez com o intuito de cursar os estudos da profissão nas aulas da Academia de Marinha, fundação recente da rainha.

Em 1785, na idade de 19 para 20 annos, encontramol-o outra vez no exercito com o posto de tenente de infantaria, e em vespéras de partir para os estados da India. Qual foi o motivo desta repentina expatriação, e do seu desgosto pela vida do mar? Pelejam os biographos; e apontam-se diversas versões; não se omittindo para as auctorisar o auxilio de alguns trechos, pelo menos muito obscuros, das suas poesias n'esse tempo.

No ardor da juventude, e com a anciedade de ganhar fama, que devorava aquelle coração impetuoso, o desejo de visitar o berço da aurora, theatro da Illiada da conquista, era de mais para o resolver a affrontar todas as fadigas. Queixas e intimos dissabores, aggravados pela sensibilidade irritavel do caracter mui propenso ao furor, influiriam alem d'isso para a sua inclinação ás novidades, e o seu amor dos applausos, o fazerem seguir o caminho, trilhado antes por outro poeta, pouco ditoso tambem, Luiz de Camões.

A nosso vêr estes motivos, dado o genio inquieto e voluvel de Elmano, parecem-nos verdadeiros; e se outros existiram, ficaram secretos para nós.

Na excellente memoria do sr. Castilho sobre a vida e a influencia de Bocage, publicada nos ultimos volumes da «Livraria Classica Portugueza» (estudo de que tirámos copiosos subsidios) apparece uma opinião differente, que seduz á primeira leitura, e nós adoptariamos, se a averiguação dos factos a não viesse infirmar.

A tragica historia do assassino do mestre de campo José Leonardo Teixeira Homem, imputada aos zêlos do conde de S. Vicente, e os sonetos escandalosos attribuidos a Bocage sobre o homicidio da travessa da Espera, supposta causa de se desenfreadem contra elle as iras omnipotentes dos poderosos, offendem mais de uma verdade apurada, e por isso perdem o valor conjectural, que pudessem adquirir. Em presença de um trabalho, que temos presente, do sr. Innocencio Fran-

cisco da Silva, diligente investigador das mais curiosas noticias ácerca do poeta, e perante uma nota, appensa ás poesias satyricas de Antonio Lobo de Carvalho, achámos menos provavel a razão allegada pelo sr. Castilho, apparecendo em toda a claresa que nem Bocage foi o auctor dos versos indecentes contra o conde, nem era possível assacar-lh'os; portanto a explicação engenhosa de sua viagem, como determinada pela necessidade de buscar esquecimento em remotos climas para dar tempo de se acalmarem as perseguições dos aulicos, caduca pela base, e está confutada pelo testemunho dos factos.

O conde de S. Vicente, Manoel Carlos da Cunha, nas suas apaixonadas relações com a actriz Francisca. (denominada a *Esteireira*) não foi victima das satyras de Bocage, mas sim dos versos mordazes do poeta Lobo. As datas demonstram-no victoriosamente. Quando assassinos desconhecidos atravessaram com um florete o mestre de campo José Leonardo Teixeira Homem, rival do conde, e rival feliz, era ainda ministro o marquez de Pombal; e a fuga do nomeado fidalgo para Hespanha, diante das accusações e da indignação do povo, succedeu ainda no governo da valido de elrei D. José.

Logo depois da morte do soberano e da queda do marquez, em fevereiro de 1778, é que o conde se atreveu a voltar ao reino, pedindo ser julgado, como effectivamente foi, por sentença no Juizo dos cavalleiros proferida a 30 de março de 1778, e confirmada na Mesa da Consciencia e Ordens aos 11 de abril do mesmo anno, que ambas correm impressas. Bocage não veio para Lisboa senão em 1782; e não podia ser o auctor de malidencias metricas, em que o style denuncia, além do mais, a penna ás vezes amunida de Antonio Lobo de Carvalho.

Acresce mesmo que o logar não tomou a seu nome do successo infeliz do mestre de campo Leonardo, porque na *Corographia*, (tomo 3.^o) impressa em 1712, já Carvalho o designa com a denominação da *Espera*, prova de ser mais antiga do que o homicidio, e a sua romantica e triste origem.

(*Continúa.*)

L. A. REBELLO DA SILVA.

CHIMICA APPLICADA ÁS ARTES.

Fabricação de vélas de stearina.

RECOLHEM-SE ou ajuntam-se os residuos de consistencia batirosa que apparecem ao de cima do texto ou cobertura da prensa, os quaes se fazem de novo entrar no decurso da fabricação, e fornecem novos productos solidos.

Os pães brancos, que são o mixto d'acido stearico e acido margarico, tiram-se dos envultorios, e são minuciosamente examinados por um operario, o qual, munido de uma faca, vae aparando todas aquellas partes que puderam evadir-se á pressão, as quaes conservam uma cor amarellada por não-haverem adquirido o grau de brancura requerido.

Cada pão no estado de brancura peza dous arrateis, pouco mais ou menos. O mesmo pão no estado primitivo, formado pelos acidos gordos molles, pezava dez arrateis. Ha, portanto, a redução de uma quinta parte.

Os pães brancos, assim estremados e aparados, depositam-se em uma cuba de madeira branca, munida no seu fundo de uma serpentina de chumbo. Ali se lavam por um banho ou lavagem de agua

acidulada com acido sulfurico que tenha sete ou oito grãos, e assim se desembaraçam as materias gordas das impurezas que porventura ainda contenham, e particularmente do oxido de ferro que o mais das vezes encerra.

Concluida a lavagem, faz-se passar a materia para uma outra cuba cheia de agua doce ou potavel. N'esta cuba se lançam cem claras d'ovos batidas, por 2:178 arrateis de materia gordurosa. Eleva-se toda a massa á ebulição por espaço de um quarto de hora. A albumina dos ovos clarifica a materia gordurosa, e apodera-se mechanicamente de todas as substancias estranhas que podia conter em suspensão. Estes acidos gordos sufficientemente puros podem então converter-se em vélas

Pavios e torcidas. — Os pavios e torcidas das vélas de stearina compõem-se da reunião de tres fios de algodão formando uma trança. Esta trança, antes de ser applicada, deve immergir-se em uma solução d'acido borico, o que facilita a combustão, e faz com que a torcida, ao passo que vae ardendo, se incline para um lado e reduza as suas cinzas ao mais pequeno volume. A immersão das torcidas faz-se pela seguinte fórma: em 100 partes de agua dissolve-se 1,5 partes d'acido borico puro; n'esta solução immergem-se as torcidas, tiram-se d'este banho, exprimendo-as com força, seccam-se, e é n'este estado que se empregam.

A molduragem dos acidos gordos offereceu muitas difficuldades na epocha da creação das primeiras fabricas de stearina.

Lançando nos moldes durante o estado de liquidez os acidos margarico e stearico, cristalisam ali, e apresentam nas vélas uma superficie ondeada, cujo aspecto pouco agradavel difficulta a sua venda.

Este inconveniente remedeia-se antes de fundir as vélas, fazendo derreter completamente a materia, e resfriar gradualmente a sua temperatura, remexendo sempre a substancia gordurosa; por este meio evita-se a cristalisação, conservando a substancia em uma massa liquida; é n'este estado que se verte para os moldes, os quaes previamente têm sido aquecidos, em agua, ou ao calor de uma estufa que, com pouca differença, deve estar no ponto de fuzão da materia gordurosa.

Os acidos gordos passam rapidamente do estado liquido para o solido, e n'estas circumstancias não se cristalisam; moldam-se exactamente contra a parede do tubo recipiente; o grau de calor em que este se acha facilita a molduragem e extingue as bóllhas de ar que necessariamente se achariam ali contidas, se não tivesse havido o aquecimento primordial. As vélas que por este modo se obtêm saem perfeitamente lizas, compactas e isentas de cristalisação.

Junta-se ordinariamente aos acidos gordos, que se querem converter em vélas, quantidades infinitamente pequenas de azul de Prussia, ou com preferencia o azul ultramarino.

Dá-se ás vélas o ultimo grau de brancura, expondo-as á acção da luz solar.

Muitos fabricantes têm por costume addicionarem á materia gordurosa, antes de a fundir nos moldes, uma pequena porção de cêra, com o fim de evitar que as vélas sejam quebradigas.

A proporção dos acidos gordos produzida pelo sebo, calcula-se em quarenta e cinco por cento. O sebo de carneiro é o que produz maior quantidade de acido, depois segue-se o de vacca. A manteiga rançosa e infecta, ou de qualidade inferior, tambem pôde servir para a fabricação dos acidos gordos solidos.

(*Continúa.*)